

OBITUÁRIO DO PROFESSOR PAULO JORGE RIEHS

por Sebastião Laroca PhD (Prof. Sênior UFPR)

Por intermédio do professor Carlos de Bortoli recebi com muita tristeza a notícia da morte do doutor Paulo Jorge Riehs, meu querido ex-aluno e orientado nos cursos de mestrado e doutorado de Ciências Biológicas (Entomologia) da Universidade Federal do Paraná.

Está vivo em minha memória o dia que fui apresentado a ele pelo professor Renato Marinoni, em meu gabinete no nono andar do Edifício D. Pedro I, onde na época funcionava o Departamento de Zoologia (UFPR). Seu objetivo, na ocasião, era solicitar-me para que fosse seu orientador. Isso foi o início de nossa rica convivência. Seu trabalho comigo foi sempre pautado por elevada responsabilidade, grande capacidade de trabalho, não obstante o comportamento reservado e tímido dele. Como nossa relação era mais de companheiro de trabalho que de professor e aluno, lembro que ele gostava, a título de brincadeira, de me chamar, às vezes, de iconoclasta (nunca entendi bem o porquê). No mestrado e no doutorado fui seu professor em várias disciplinas optativas e obrigatórias. Lembro que pontificou particularmente em uma disciplina optativa lecionada por mim denominada Biogeografia, em que o conteúdo relacionava assuntos como paleontologia (ciclos climáticos) com a distribuição de algumas espécies, oportunidade em que se podia estabelecer interessantes correlações entre a dispersão animal e o avanço de ciclos climáticos extremos (áridos e glaciais). Desde o início percebi que sua verdadeira vocação estava em assuntos ligados à paleontologia e geomorfologia, passando pelos ciclos climáticos relacionados com a dinâmica de avanços e recuos dos biomas brasileiros. Paulo viveu numa época em que o progresso dessas áreas no Brasil se deu em consequência do levantamento do “bloqueio” estadunidense que havia sido posto em curso contra a teoria da deriva continental, de autoria do cientista alemão Alfred Wegener (com o argumento de que o cientista germânico era meteorologista e não geólogo). Suspeita-se que o que estava atrás desse bloqueio era a nascente indústria de extração do petróleo. Todavia, tempos depois os irmãos do Norte realizaram “mea culpa”, restabelecendo a importância de Wegener. E as novas gerações de pesquisadores estadunidenses contribuíram enormemente para a consolidação da teoria. O Ano Internacional da Geofísica (ONU) em 1957 foi um grande marco nesse sentido. O que contribuiu com esse avanço no Paraná foram

também os estudos do geólogo e geógrafo alemão Reinhard Maack, que tinha elevada experiência em aspectos geomorfológicos da África (uma vez que esteve uma temporada na região de Kaokoveld, na Namíbia), fundamental para as correlações pretéritas entre os continentes africano e americano, e que se tornou entusiasta defensor da dita teoria. No fim da década de 1970 ouvi do meu orientador (doutor Charles Michener), professor da Universidade de Kansas (referência mundial em geologia) que na década de 1960, a geologia no Brasil encontrava-se mais avançada que na nação americana.

Paulo tinha raízes germânicas. Nasceu em Monte Alegre (PR), hoje Telêmaco Borba, em 19 de setembro de 1949. Filho de um operário das Indústrias Klabin, pertenceu a uma família humilde, de trabalhadores, e nisso a gente se identificava. Era filho de Paulo Riehs e dona Elza Moedinger Riehs. Casou-se com a senhora Cleni Teresinha Riehs, com quem teve os filhos Ana Amélia (nascida em 1977), Karina de Fátima (1979) e Jean Paulo (1981).

Estudou o curso primário no Ginásio Vila Galvão, em Guarulhos (São Paulo), de 1957 a 1959. Depois disso, voltou a Telêmaco Borba, onde viveu de 1959 a 1961, oportunidade em que terminou o primário no Ginásio Leopoldo Mercer.

Depois da morte do pai, mudou-se para Curitiba, onde viveu de 1961 a 1977. Os antigos ginásio e colegial foram feitos no Colégio Estadual do Paraná, entre 1962 e 1969. Em parte deste tempo foi encarregado de publicidade, no jornal *Diário do Paraná*. Em 1970, prestou concurso vestibular para Ciências Biológicas, Licenciatura, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, que foi concluído em 1973.

Nesse ano, foi aprovado como bolsista de iniciação científica em Entomologia, UFPR, tendo realizado pesquisas na área de ecologia de insetos. No ano de 1974, iniciou o curso de Mestrado em Entomologia, UFPR, concluído em 1982, com apresentação da tese “Fenologia de Dinastíneos (Coleoptera, Scarabaeidae) noturnos fototáticos do leste paranaense”. Entre 1995 e 2000, frequentou o curso de Doutorado em Entomologia, defendendo a tese “Dynastinae (Coleoptera, Scarabaeidae) fototáticos do leste e centro-oeste do Paraná (Brasil): alguns aspectos faunísticos e biogeográficos”.

Lembro que quando o conheci, um de seus avós ainda era vivo. Este era um exímio marceneiro, e pedi ao Paulo que encomendasse a este avô umas caixinhas de madeiras para minhas separatas. Guardo boa parte de minhas separatas nessas caixas até hoje.

Começamos a conviver no início da década de 1970. Na época que ele entrou para a faculdade, eu estava desenvolvendo um projeto de

pesquisa em coautoria com o doutor Victor Osmar Becker sobre os lepidópteros noturnos (mariposas) de Banhado (município de Quatro Barras, PR), na Serra do Mar, cuja fase de amostragem consistia em coleta de amostras periódicas desses insetos, e o Paulo gentilmente nos acompanhou e nos ajudou nesse trabalho em várias ocasiões. Nesse tempo lhe atribuí a tarefa (como parte das atividades de iniciação) de determinar a planta hospedeira de uma espécie de *Anurocampa mingens* Herrich-Schäffer (espécie de Notodontidae relativamente comum em nossas amostras) e de desenvolver técnica de criação e manutenção das lagartas em laboratório. Tarefa que desempenhou com grande seriedade. Posteriormente, escolheu como tema de sua tese o estudo de coleópteros fototáticos e então iniciou a coleta de amostras de coleópteros (Dynastinae) noturnos utilizando da mesma metodologia que usávamos para lepidópteros. Na tese de doutorado expandiu estes estudos para outras regiões do Paraná. A identificação dos espécimes de Dynastinae era difícil, e no Brasil só existia um estudioso do grupo, o padre Francisco Silvério Pereira, grande entomólogo e um dos maiores especialistas do mundo no grupo. O padre Pereira trabalhou vários anos no Instituto Biológico de São Paulo, no qual organizou uma enorme e preciosa coleção de besouros. Padre Pereira era uma pessoa afável e prestativa, logo fez amizade com o Paulo e, entusiasmado pelo seu projeto de estudo da ecologia e biogeografia dos Dynastinae, de imediato prontificou-se em identificar os exemplares que fossem capturados por ele.

Posteriormente, Paulo estendeu seus estudos para dois outros locais, a saber, Araucária (PR), no Primeiro Planalto Paranaense, e Rio Negro (PR), no Segundo Planalto Paranaense, utilizando esse material como base para sua tese de doutorado.

Antes de começar seu trabalho sob minha orientação, Paulo já havia trabalhado em um artigo visando ao conhecimento sobre correlações de mudanças paleoambientais e padrões de distribuições de alguns organismos, que redundou em uma importante contribuição, em coautoria com o paranaense doutor João José Bigarella, grande geólogo e especialista em geomorfologia, e o paraibano de nascimento doutor Dárdano Andrade-Lima (então professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco e um dos maiores ecólogos brasileiros). O artigo, intitulado “Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil”, foi publicado nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* (suplemento), vol. 47, pp: 411-464 (1975).

As viagens que Paulo Jorge fez para São Paulo foram custeadas com recursos próprios, oriundos da pequena bolsa que recebia durante a pós-graduação.

Quando me retirei do Departamento de Zoologia para cursar o PhD na Universidade de Kansas, em Lawrence, KS (EUA), solicitei para que a coordenação do curso de pós-graduação (mestrado e doutorado) de Zoologia (UFPR) permitisse que o professor Paulo Riehs me substituísse nas aulas da disciplina de Conservação da Natureza, no que fui atendido.

Exerceu o magistério também como professor das disciplinas de Biologia e Programas de Saúde no Colégio Estadual do Paraná e no Colégio Erasto Gaertner, ambos em Curitiba. Em Guarapuava, a partir de 1977, lecionou Biologia e Química nos colégios Conquista de Queluz, Nossa Senhora de Belém e Francisco Carneiro Martins, aposentando-se em 2005.

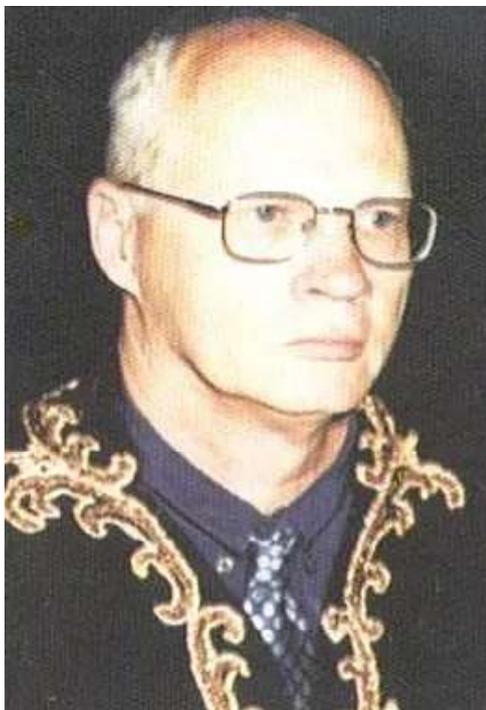
Além de membro da “Academia de Letras, Artes e Ciências de Guarapuava”, onde ocupou a cadeira 36, foi professor efetivo por concurso público de títulos e provas da cadeira de Biologia (UFPR), de 1981 até seu falecimento, ocorrido em 23 de setembro de 2019.

Fontes:

Currículo Lattes, CNPq.

Academia de Letras, Artes e Ciências de Guarapuava

Anais da Academia Brasileira de Ciência



Professor doutor Paulo Jorge Riehs em trajes de acadêmico “Academia de Letras, Artes e Ciências de Guarapuava” ocupante da